

No ensino médio, jovens querem mais flexibilidade

Pesquisa divulgada pelo Todos Pela Educação mostra que adolescentes nesta etapa do ensino aprovam combinar disciplinas gerais com outras que possam escolher, o que condiz com a essência da reforma de 2017

BRUNO ALFANO
Ilustração: André

Uma pesquisa encomendada pelo Todos Pela Educação ao Instituto Datafolha aponta que a maioria dos estudantes quer escolher que estudar no ensino médio. A preferência, segundo a entidade, condiz com a essência do Novo Ensino Médio, que substituiu em 2017 o modelo em que todos faziam as mesmas disciplinas, rejeitado pela maioria dos entrevistados.

Segundo o levantamento, 65% desejam um currículo flexível. Nesse grupo, 35% preferem uma escola que ofereça em parte do tempo as mesmas disciplinas para todos, mas em outro período, a possibilidade de aprofundar conhecimentos e disciplinas de maior interesse. Outros 30% preferem uma escola que combine uma parte com as mesmas disciplinas para todos os alunos e um curso técnico profissional. Mas 35% optaram pela manutenção da escola com as mesmas disciplinas para todos os alunos durante toda a etapa.

—A parte flexível precisa ter relação com a formação geral básica. É o aprofundamento do currículo obrigatório. Se não for isso, vira dispersão — afirmou Olavo Nogueira Filho, diretor-executivo do Todos Pela Educação, que apoia uma base comum dos percursos de aprofundamento. — Ela precisa estabelecer conhecimentos aprofundados em Matemática, Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza, já previstas no atual modelo do ensino médio.

A reforma de 2017, no governo Michel Temer (MDB), tem sido alvo de pesquisas de pesquisadores, professores e estudantes, que defendem algum ajuste no modelo. Entre as críticas, estão fatos de que a parte flexível do currículo se afastou de ser um aprofundamento das matérias básicas e com isso foram criadas disciplinas como "O que rola por aí" e "Bigodeiro Gourme".

— Ainda que a pesquisa não busque avaliar o novo

ensino médio como está hoje, que tem uma série de problemas já evidenciados e precisam ser corrigidos, os dados reforçam que a essência, os princípios do Novo Ensino Médio são defendidos pela maioria dos jovens — estão ingressando na etapa — afirma Nogueira Filho.

A OPINIÃO DOS JOVENS QUE ENTRAM NO ENSINO MÉDIO (EM %)



Fonte: Pesquisa Datafolha que entrevistou 462 pessoas de 14 a 28 anos, de escolas públicas e privadas, em todas as regiões do país entre 29 de janeiro e 9 de fevereiro. Margem de erro de 2 pontos percentuais (para mais ou para menos), com nível de confiança de 95%.



Aprofundamento. Aula do ensino médio: adocentes querem poder estudar mais algumas disciplinas e eleger

15% escolheram duas dessas. O restante escolheu três ou nenhuma.

A pesquisa do Datafolha ouviu 462 estudantes de 14 e 16 anos, de escolas públicas e privadas, em todas as regiões, entre 29 de janeiro e 9 de fevereiro de 2024. A margem de erro é de cinco pontos percentuais (para mais ou para menos), com nível de confiança de 95%.

DEBATE NO CONGRESSO

O formato do Novo Ensino Médio é debatido novamente pelo Congresso. O governo e o deputado federal Mendonça Filho (União-PE), relator do projeto que busca mudar essa etapa do ensino, estão em um impasse que impediu a votação da matéria no fim do ano passado.

Mendonça Filho era ministro da Educação na época da criação da reforma. O principal entrave é o tamanho da formação geral básica, com apenas disciplinas iguais para todos os estudantes. O governo propôs 2,4 mil horas. Mendonça

defende 2,1 mil. O total de horas do ensino médio é de 3 mil horas, no mínimo. O deputado também defende que cada aluno tenha, em sua parte flexível do currículo, pelo menos duas áreas de conhecimento. A proposta do governo é ter três.

O Datafolha também perguntou aos jovens que mostraram interesse em fazer um curso técnico integrado ao ensino médio se eles desistiriam dessa opção caso tivessem menos aulas de disciplinas que caem no Enem e nos vestibulares. A escolha pelo ensino técnico foi feita por 77%, e 21% disseram que desistiriam da opção. Os estudantes também demonstraram disposição em ficar mais horas na escola para fazer o curso técnico.

—As propostas legislativas em tramitação estabelecem uma diferenciação na formação geral básica entre quem opta pela trilha acadêmica e quem escolhe a trilha técnica — lembra Olavo.

O governo defende que o ensino médio integrado com um curso técnico deve ter 2,1 mil horas de formação geral básica em vez das 2,4 mil dos outros estudantes. Mendonça defende que as redes tenham liberdade para usar 300 horas das 2,1 mil que ele propõe para essa parte do currículo para aulas de ensino técnico.

O levantamento aponta que pouco mais da metade (53%) dos entrevistados diz que não tem conhecimento ou não está bem informado sobre o Novo Ensino Médio. Entre os que dizem ter tomado conhecimento sobre as mudanças da reforma, 34% avaliam como "muito positivas"; 36% como "um pouco positivas"; 6% "nem positivo nem negativo"; 14% "um pouco negativo"; 6% "muito negativo"; e 4% não souberam opinar.

Trabalho é obstáculo para volta de quem deixou aulas

Pesquisa sobre evasão escolar com entrevistados entre 15 e 29 anos mostra que maioria gostaria de concluir o ensino básico

HYNDARA FREITAS
Ilustração: André

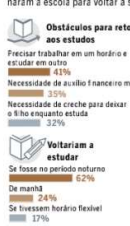
A dificuldade de conciliar trabalho e estudos é apontada como a maior razão para que os jovens parem de estudar, mas a maioria quer voltar, segundo a pesquisa "Juventudes fora da escola", feita pela Fundação Roberto Marinho com o Itaú Educação e Trabalho e o Datafolha. O levantamento revela que 73% de todos os que deixaram a sala de aula desejam concluir a educação básica, mas o percentual cai à medida que eles envelhecem. Entre quem tem de 15 a 19 anos, a intenção de voltar é de 79%, mas entre de 25 a 29 anos, é de 68%.

Para 41% dos 16 mil jovens de 15 a 29 anos entrevistados, seria necessário estudar em um horário trabalhado no outro para concluir os estudos. Além disso, 35% sugerem um auxílio financeiro mensal, e 32% pediram uma creche para deixar os filhos enquanto estudam.

A pesquisa também

DIFÍCIL CONCILIAÇÃO

Combinar estudos com trabalho é a principal dificuldade apontada por jovens que abandonaram a escola para voltar à sala de aula



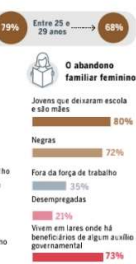
apontou que 27% admitiram que não pretendem concluir o ensino médio. A principal razão foi a necessidade de trabalhar (32%) e cuidar da família (17%). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Continua) divulgada pelo IBGE

em fevereiro, 8,8 milhões de brasileiros de 18 a 29 anos não concluíram o ensino médio e não atualmente frequentam nenhuma etapa do ensino básico. — Fica implícita na cabeça desse jovem a impossibilidade de compatibilizar trabalho e estudo — aponta Rosalinda

Soares, assessora de Pesquisa e Avaliação da Fundação Roberto Marinho.

ENSINO TÉCNICO

O ensino técnico tem grande atração entre os entrevistados. Ao todo, 56% disseram que pretendem cursar essa modalidade pedagógica.



educação têm de levar em consideração a perspectiva do jovem de se desenvolver economicamente.

—A gente vem de uma tradição que dissocia o trabalho do estudo, o que é um erro — alerta.

Em janeiro, o governo Lula lançou o Pé-de-Meia, um programa que prevê uma poupança e um auxílio financeiro mensal de R\$ 200 para estudantes do ensino médio que seguem alguns critérios sociais e de assiduidade. Mas para Rosalinda, essa de política, sozinha, não resolve o problema de quem já saiu da escola.

— Com jovens há muito tempo fora da escola, não adianta oferecer só o ensino técnico, ou se for só bolsa não adianta. Essa bolsa deveria ter um valor maior quando ele vai fazer a matrícula.

Segundo o estudo, 58% dos jovens que deixaram os estudos são homens, 70% são negros e 69% têm empregos informais. A maior parte (78%) vive com renda familiar per capita de até um salário mínimo. Além disso, 60% têm filhos. Quando se considera apenas o universo feminino, oito a cada dez mulheres são mães. Dentre as mulheres, 72% são negras.